

O Jornal Como Lugar de Memória: Um Debate Sobre a Memória Coletiva e a Aceleração do Tempo

Regma Maria dos Santos¹

Resumo:

Propomos neste texto apresentar algumas reflexões sobre o jornal como *lugar de memória*, a partir das análises de autores como Halbwachs e Pierre Nora.

Résumé:

Nous proposons dans ce text présenter quelques réflexions sur le journal comme *Lieu de mémoire*, à partir de las análises de auteurs comme Halbwachs et Pierre Nora.

Atualmente, à idéia de memória, soma-se ou acrescenta-se a de preservação, conservação. Nada mais pertinente que essa idéia apareça com tanta força e seja o princípio norteador da noção de duração diante da instabilidade de uma época em que o sólido se dilui, esfumaça-se, dissolve-se.

O século XX, com sua rapidez e brevidade, foi o exemplo melhor acabado dessas preocupações. Nunca destruiu-se tanto em nome do progresso, nunca foram construídas tantas coisas para não durar.

No entanto, essa preocupação com a possibilidade de preservar a memória, implica em uma nova concepção do tempo e da história. Exemplificando essa questão, encontramos no jornal *Diário de Minas* de 26/05/1916 a seguinte descrição do tempo:

o dia de ontem rompeu límpido, cantando festivo no azul sem nuvens da esphera. Durante o dia, houve um instante de transformação em que o céu apareceu nublado e triste. A tarde linda e a noite lindíssima.

Essa era a forma como se descreviam as condições climáticas do tempo na imprensa do início do século XX, revelando, de forma

¹ Professora Adjunta do Curso de História do CAC/UFG. Coordenadora do NIESC.

literária, como se comportaram os elementos da atmosfera do dia anterior.

Se hoje, ao abrirmos o jornal e nos depararmos com previsões meteorológicas para o tempo de amanhã, ou de toda a semana em graus Celsius, distribuídos por diferentes espaços do país, isto não será apenas o resultado de uma simples mudança, mas algo que resulta da chamada *aceleração do tempo*.

É claro que poder se fazer previsões sobre o tempo, ou sobre as condições meteorológicas num futuro breve, é resultado de um sofisticado desenvolvimento técnico e científico. Mas as alterações daí decorrentes alcançam dimensões culturais e sociais de ampla ressonância.

O livro de Halbwachs *Memória Coletiva*, será utilizado como ponto de partida para esta reflexão que contempla os conceitos de tempo e história.

Escrevendo ainda no início do século XX, a idéia de *aceleração do tempo* não é uma problemática central na obra de Halbwachs, mas aparece evidenciada na relação entre campo e cidade. Em suas palavras:

Ora, no campo, o tempo se divide conforme uma ordem de ocupações que se regulam segundo o curso da natureza animal e vegetal. É preciso aguardar que o trigo brote, que os animais tenham posto seus ovos ou nascido seus filhotes, que as tetas das vacas estejam cheias. Não há mecanismo que possa apressar essas operações. (...) Mas a cidade é a cidade, quer dizer um meio onde o mecanismo se introduziu não somente nos trabalhos produtivos, mas regula também os deslocamentos, as distrações e o jogo do espírito. O tempo está dividido como deve ser, ele é o que deve ser, nem muito rápido, nem muito lento, já que está em conformidade com as necessidades da vida urbana. (Halbwachs, 1990:119-120)

Dialogando com Halbwachs, podemos perceber que, atualmente, no início de um novo milênio, não apenas início de século, é possível sim, acelerar sob condições técnicas específicas, o trabalho da natureza. O gado é criado em confinamento, as galinhas chocam em incubadoras e o campo é irrigado, produzindo durante todo ano. Também na cidade esse tempo por ele considerado nem muito rápido, nem mui-

to lento, é hoje acelerado.

Isso significa que existem tempos múltiplos, que se sobrepõem e se conjugam, de maneira a permitir que atividades isoladas influenciem no resultado de ações coletivas.

Outro aspecto relativo à esta questão se liga à chamada presentificação do tempo, de acordo com Norval Baitello: “a aceleração do tempo traduz ainda a ansiedade sôfrega de uma época que não sabe lidar com seu presente, suprime-o, e por isso o transforma em objeto de culto e adoração.”(Baitello Jr., 1996: 12)²

O passado torna-se assim irrelevante e constitui-se como objeto dos historiadores, num sentido em que a história é vista ainda como a ordenadora das cronologias, dos fatos e dos acontecimentos.

Halbwachs já formulara suas críticas à essa concepção de história e nela se baseia para contrapor seu conceito de memória. Com relação à história nos diz este autor que:

parece que ela precisa esperar que os antigos grupos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória se tenham desvanecido, para que ela se preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucessão dos fatos que agora é a única capaz de conservar. (Halbwachs, 1990: 109)

Em outro momento, nos diz Halbwachs que a nossa memória se apoia na história vivida, e não só na história aprendida, citando então que se deve entender por história: “ não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros”. (Halbwachs, 1990: 109)

Halbwachs chega a comparar a história a um cemitério, onde o espaço é medido para que novas sepulturas seja feitas. Essa visão de imobilidade da história é um conceito delineado por Halbwachs tendo por referência as críticas feitas por historiadores franceses como Marc

² Citação da apresentação do livro de Malena Segura Contrera, *O Mito na Mídia*. Neste livro encontramos um interessante exemplo que ilustra a discussão aqui pretendida, quando a autora se refere ao ritmo veloz imposto pela imprensa, antecipando o jornal de domingo, como acontece com a *Folha de São Paulo* e o *Estado de São Paulo*, que já circulam no sábado, o que a leva a considerar que “o jornal tem como principal informação seus próprios comportamentos.”(p.58)

Bloch ao tipo de história praticado até então.³

Ainda nos esbarrando nas formulações de Halbwachs sobre o conceito de história o vemos definir que: “ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.” (Halbwachs, 1990: 67)

Isso significa que a história não é tudo o que resta do passado, pois a história escrita não consegue atingir as dimensões do vivido. Em seu entendimento, a história não consegue captar os traços do passado, que se revelam nas expressões dos rostos, nos aspectos dos lugares e nos modos de pensar e sentir que foram inconscientemente preservados. E enfatiza Halbwachs: “Mas, basta que a atenção se volte para esse lado, para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar.” (Halbwachs, 1990: 68)⁴

Partindo dessa concepção de história, Halbwachs sentencia a dissociação entre história e cotidiano, deixando de referenciar as articulações e relações possíveis entre estas. Nesse sentido, o jornal aparece à ele apenas como lugar de memória da nação, como podemos observar neste trecho: “em nossas sociedades nacionais tão vastas, muitas das existências se desenrolam sem contato com os interesses comuns do maior número daqueles que lêem os jornais e prestam alguma atenção nos negócios públicos.” (Halbwachs, 1990: 55-6)

Em outro momento quando trata da percepção da criança com relação ao mundo externo Halbwachs coloca que esta: “quando se envolver em conversas sérias com adultos, quando ler os jornais, terá o sentimento de descobrir uma terra desconhecida.” (Halbwachs, 1990: 64)

³ É importante destacar que Halbwachs realiza um diálogo importante e pertinente com seus contemporâneos, no sentido sustentar suas formulações teóricas. Explicitamente influenciado por Durkheim e sua idéia de razão da sociedade, dialoga com Bergson ao criticar o subjetivismo individualista de seu conceito de memória. Ao citar Marc Bloch podemos inferir que se vale de suas críticas à história-acontecimento.

⁴ Nesse sentido são interessantes as referências ao texto de Carlo Guinzburg *Sinais* no livro *Mitos, Emblemas e Sinais*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989. E em seu livro *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Ainda com relação ao jornal, Halbwachs não deixa de situá-lo enquanto documento para os historiadores, mas critica o fato de que estes esperam que o grupo desapareça para que posteriormente busquem referências ou rastros que subsistem em textos oficiais, nos jornais da época e na memória escrita no período. E complementa: "Mas, a escolha que deles faz, na importância que lhes atribui, o historiador se deixa guiar por razões que não têm nada a ver com a opinião de então, porque esta opinião não existe mais; não somos obrigados a levá-la em conta." (Halbwachs, 1990: 109)

No sentido de entender outras dimensões que possam conter o discurso jornalístico, é fundamental citar o historiador Fernand Braudel, que ao falar do tempo breve o considera:

a medida dos indivíduos, da vida quotidiana, das nossas rápidas tomadas de consciência; o tempo por excelência do cronista, do jornalista. Ora bem, tenhamos em conta que a crônica ou o jornal, oferecem, junto com os grandes acontecimentos chamados históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, uma representação teatral, uma inundação. (Braudel, 1972: 14)

Nada disso escapa ao historiador.

Partindo dessas considerações, podemos insinuar que Halbwachs contrapõem à memória um tipo de história que hoje foi substituída por uma história problema, que não se pretende fixadora de quadros, mas assume-se como representação do real, já que as perguntas feitas ao passado são resultado de reflexões do presente, num movimento dialético que permite ao historiador não somente formular "verdades" inquestionáveis, mas construir interpretações.⁵

⁵ As pesquisas sobre história oral, têm provocado recentemente uma ampla discussão sobre a memória coletiva. Antonio Torres Montenegro, em palestra proferida sobre o tema considera que a história é uma construção que ao resgatar o passado aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. "Este operar próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (presente/passado/futuro) através da memória. Diferentemente de Halbwachs, veríamos a história e a memória como, apesar de distintas mantendo significativas interações." (*Anais do Encontro de História e*

A tradição intelectual francesa à qual se liga a sociologia de Durkheim e as teorias sobre a memória coletiva em Halbwachs, irá presenciar uma nova concepção de história elaborada a partir dos estudos da chamada Escola dos Annales, à qual se ligam Marc Bloch, Lucien Febvre e posteriormente outros historiadores que se preocuparam com a questão do tempo, da duração e da memória como Braudel, Jacques Le Goff e Pierre Nora.⁶

Portanto, temos em Halbwachs já acentuada a diferença entre memória e história; considerando-se que a memória social é sempre vivida física ou afetivamente; e a história escrita e impessoal.

Podemos considerar então, que a contribuição da sociologia de Halbwachs e seus estudos da memória, para a história está no fato de chamar atenção para o tempo longo, o tempo da memória, que é visto como lugar do conjunto e não se confunde com a sucessão de acontecimentos que ocorrem em seu interior.⁷

O historiador Pierre Nora, adentra-se nessa discussão da diferença entre memória e história, historicizando este debate a partir do conceito de aceleração da história possibilitada pelo fenômeno da mundialização (as guerras totais, as revoluções modernas, a rapidez dos meios de comunicação, etc.).

Documentação Oral, Brasília. 25/26/11/1993, p.14).No texto de Michael Pollak *Memória, Esquecimento e Silêncio*, o autor situa no pensamento de Halbwachs que a idéia mais acabada de grupo para ele é a nação, sendo a memória nacional a forma mais acabada de memória coletiva. Com essa afirmação, sugere que a história oral resulta pelo contrário, a idéia de "memórias subterrâneas" que justamente se opõe à memória nacional, uniformizadora e opressora.

⁶ Braudel, em um texto clássico sobre a "longa duração", chama atenção para o tempo breve e propõe que o historiador deve realizar uma dialética dos tempos, não se prendendo ao acontecimento. Jacques Le Goff propõe a relação entre memória e história e realiza estudos sobre a passagem e a mudança de concepção do tempo ao final da idade média, na qual se passa de um tempo da igreja, mediado pelos sinos, pelo movimento da natureza, pelo tempo do mercador. O relógio assumirá a função do sol, regularizando todas as atividades do homem.

⁷ Esta análise é desenvolvida a partir de um paralelo feito por Márcia Mansor D'Aléssio no artigo *Memórias, leituras de M. Halbwachs e P.Nora na Revista Brasileira de História*, S.P., v.13., p.97.De acordo com a autora parece ser esta a questão histórica colocada por Nora: "O movimento no qual os homens vivem esta tensão entre a intimidade da tradição vivida e o abandono pelos grupos desfeitos, dos quais a história desritualizada se empenha em guardar marcas, os 'lugares de memória' cumprem esta função". (p.102).

Segundo Nora, esta aceleração da história provoca mudanças incessantes e a ameaça do esquecimento é mais evidente. Esta situação leva a uma obsessão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em suma, pela história, impelindo à criação do que ele chama de *lugares da memória*.

Nora distingue *história-objeto* de *história-conhecimento*, reconhecendo que esta última se contrapõem a memória. A memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos; a história-conhecimento é a partir do distanciamento, o registro, a problematização, a crítica e a reflexão.

Por outro lado, com a idéia de aceleração, a *história-objeto* torna-se mais rápida, “a duração do fato é a duração da notícia, o novo produzido incessantemente - conduz as vidas, criando a sensação de hegemonia do efêmero. A memória torna-se eternamente contemporânea.”(D’Alessio, 1993: 97)

Essas reflexões permitem a Nora associar o historiador ao jornalista, nos possibilitando entender o jornal como *lugar de memória*. Mas um lugar híbrido, misto e mutante, onde se enlaçam a vida e a morte, o tempo e a eternidade, numa espiral que envolve o coletivo e o individual, o sagrado e o profano, o móvel e o imóvel. Nos diz este autor:

Porque se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.
(Nora,1993: 23)

Partindo dessa definição Nora considera, como exemplo, que o calendário da revolução francesa é lugar de memória, não por fixar um acontecimento, mas por ter sido derrotado, no sentido em que não se adequou ao que quiseram seus fundadores. Se este calendário tivesse sido adotado ele teria se tornado tão familiar a ponto de ter perdido sua virtude como lugar de memória, pois se fundiria à uma paisagem

memorial, como o calendário gregoriano. Nesse sentido, sua derrota não é total, pois “nenhum lugar de memória escapa a seus arabescos fundadores”. (Nora, 1993: 22)

É nesse sentido que o jornal serve ao historiador. Não apenas como cristizador de uma memória nacional, mas onde se pode perceber as dimensões do vivido, que se manifestam a partir de sua forma e de seu conteúdo. Seja através dos textos, como as crônicas, ou romances-folhetins; ou das fotos (cuja impressão passou dos antigos e pesados negativos de vidro, às leves imagens enviadas por satélites). Seu suporte é hoje desmaterializado, permitindo se compactar em um simples CD-Rom os 365 exemplares do ano.

Adam Schaff, chama atenção para esse novo tipo de memória que se produz e se permite arquivar, com uma extensão gigantesca e com um tempo de acesso incrivelmente curto. A supermemória artificial possibilitada pelos computadores é uma realidade. Isso nos leva a crer que também o conceito de grupo e coletivo impressos na teoria de Halbwachs, tenha então, outra dimensão. À idéia de nação se sobreporia à de globalização, num tempo em que as fronteiras se diluem. Ainda de acordo com Schaff:

os computadores possuem ‘memória’, mas mesmo os maiores têm limitação a esse respeito. Não obstante, tal memória pode tornar-se praticamente ilimitada quando conectada a bancos de dados nos diversos campos. Isto nos leva aos outros elementos da revolução no fornecimento e na armazenagem de informações: bancos de dados, satélites artificiais e comunicação por meio de fibras óticas. (Schaff, 1995: 74)

Ou seja, assim se criam outros lugares de memória.

Em outro tempo histórico, outros problemas se colocam e novos conceitos se formulam.

Referências Bibliográficas

- BAITELLO JR., Norval. Apresentação. In: CONTRERA, Malena Segura. *O Mito na Mídia*. São Paulo: Annablume, 1996
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Presença., 1972
- D'ALESSIO, Márcia Mansor. Memória: leitura de M.Halbwachs e Pierre Nora. *Revista Brasileira de História*. v.13, n.25/26. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, set. 92/ago 93, pp.97-103.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990
- LE GOFF, Jaques. Memória/História. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1964.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. Memória e História: desafios da contemporaneidade. *Anais do Encontro de História e Documentação Oral*, Brasília, 25/26/ 11/1993.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. São Paulo: Francisco Alves., 1979
- _____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, (10), dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vértice/ Revista dos Tribunais, vol.2, n.3. 1989, p.3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vértice/Revista dos Tribunais, Vol.5, n.10, 1992, pp.200-212.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. Trad. Carlos Eduardo J. Machado e Luiz Arturo Obojes. São Paulo: Ed.Unesp/Brasiliense, 1995.